

A DINÂMICA DA TRANSFERÊNCIA

THE DYNAMICS OF TRANSFERENCE

Karla Corrêa Lima Miranda

Psicóloga. Enfermeira. Doutora.
Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicanálise (FAMETRO).
Professora (FAMETRO).

FREUD, S. **A dinâmica da transferência.** In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. v. 12.

Freud nesse texto se destina a esclarecer como a transferência acontece durante o tratamento psicanalítico e qual seu papel.

O autor inicia o texto discorrendo que cada sujeito teria uma disposição inata, como também por meio de experiências afetivas da primeira infância, ele forja uma maneira de conduzir-se em sua vida erótica, ou seja, de enamorar-se. Ou seja, consiste no modo como cada sujeito se relaciona e se posiciona diante de seus objetos amorosos, o que se constitui a partir do modo que cada sujeito produz da sua história. Logo, se produz um tipo de “clichê estereotípico”.

O que Freud está explicitando é o mecanismo neurótico da repetição - o clichê estereotípico da vida erótica do indivíduo, para introduzir o conceito de transferência, um fenômeno que se reedita e, portanto, se repete na interação analista-analisando.

No sentido de compreender o porquê dessa repetição, faz-se necessário situar a questão da satisfação libidinal, ou seja, o que está na primeira experiência de satisfação do sujeito, ou seja, o que foi inscrito simbolicamente na história do sujeito e foi recalcado posteriormente, ou seja, o que é da ordem inconsciente e não foi satisfeito, retorna exigindo satisfação.

Nesse sentido, o analisando por meio das condições expressa no “setting” analítico, vai à procura de satisfações não resolvidas na infância e tenta resolver suas demandas afetivas não satisfeitas. É por meio da transferência que o neurótico produz uma forma de buscar inconscientemente reviver uma situação infantil, tendo em vista uma satisfação plena. Ocorre que a busca incessante e repetitiva do neurótico pela satisfação plena não tem fim, pois não é possível replicar essa satisfação primordial. Pois, o desejo então não se sacia.

Recebido em: 11/08/2015

Aceito em : 04/11/2015

Freud então provoca duas questões em relação à transferência, a primeira é que nos neuróticos a transferência nos sujeitos que estão em análise se dá de forma mais intensa dos que não estão. E a segunda, é um enigma, pois na análise surge uma resistência ao próprio tratamento. As observações de Freud mostram que quando as associações do paciente faltam, é porque ele está vinculando algo ao próprio analista.

Parece então ambivalente, quando algo que deveria ser um aliado ao tratamento se transforme em um meio poderoso de resistência. O que Freud vai nos mostrar é que essa característica da transferência é da própria neurose, e que não deve ser atribuído ao método.

Outro problema apontado por Freud é que a transferência, “satisfaz a resistência”.

Ou seja, se ela desvela o inconsciente, ela também poderá revelar algo da ordem de um não querer saber, de um não se haver com suas próprias dores. Um não querer saber do que lhe é traumático, algo que poderá desorganizar a consistência forjada pelo eu, lançando o sujeito em certo mal estar. Logo, distinguem-se duas condições do analisando, uma de ajuda e outra de resistência.

Freud ainda ressalta que se pode observar uma transferência positiva e outra negativa. A transferência positiva pode emergir de sentimentos como uma exigência de amor, atenção, reconhecimento, ou seja, pulsões endereçadas aos analistas vinculados aos primeiros objetos de amor. Já a negativa seria a manifestação de sentimentos hostis seja de modo aberto ou velado.

Logo, a transferência proporciona um dispositivo ao qual opera afetos na relação entre analisando e analista. O analista se emprega para o endereçamento desses afetos e maneja o tratamento utilizando a transferência como ferramenta. Ou seja, todos os sintomas do paciente são deslocados para a figura do profissional para ser revivido na relação com este e assim possam ser trabalhados e manejados no processo analítico.

Podemos dizer que transferir é uma capacidade humana presente não somente na relação analítica, mas em diversas situações sociais. Entretanto, é no processo analítico que ela é tomada como parte do tratamento analítico e faz parte do sintoma do analisando.